

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

### META

Apresentar os pressupostos teórico-metodológicos da corrente conhecida como Sociolinguística Variacionista, com ênfase nos estudos pioneiros de William Labov.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:  
conhecer alguns fenômenos variáveis no português brasileiro

### PRÉ-REQUISITOS

Ter acompanhado as aulas anteriores



(Fonte: <http://revistadeletras.files.wordpress.com>)

## INTRODUÇÃO

Agora que conhecemos o objeto da Sociolinguística e a orientação teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista, vamos atentar para o cenário brasileiro, refletindo, inicialmente, sobre como observar a variação em uma comunidade de fala tão ampla e diversificada como é a brasileira. Conheceremos alguns projetos de cunho sociolinguístico no Brasil que descrevem a variação em comunidades de fala menores. E, depois, atentaremos para alguns resultados destes projetos, descrevendo variação no âmbito fonético-fonológico e morfossintático, com os pronomes.

**PEUL**  
Programa de Estudos sobre o Uso da Língua

**Principal**

**História**

**Pesquisadores**

**Banco de Dados**

**Eventos**

**Contatos**

**Links**

**Programa de Estudos sobre o Uso da Língua**

O grupo PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) reúne pesquisadores que se dedicam ao estudo da variação e mudança linguística na variedade de português falada e escrita no Rio de Janeiro. Adotando uma orientação essencialmente baseada na Sociolinguística Variacionista, os pesquisadores que integram o Peul vêm se dedicando, ao longo de mais de vinte anos, à análise da língua em uso e à sua inter-relação com aspectos sociais, estruturais e funcionais.

A sede do PEUL está localizada na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), de onde faz parte a maioria dos professores e bolsistas do projeto. O grupo inclui ainda pesquisadores da UFF (Universidade Federal Fluminense) e da Universidade Federal do Espírito Santo.

Neste site, disponibilizamos os diversos corpora constituídos por esses pesquisadores, a fim de facilitar o acesso de estudantes e pesquisadores interessados a dados sociolinguisticamente controlados.

**Notícias**

**espaço SIGMA UFRJ**  
- III -  
A 3ª está se aproximando! Não Perca!  
[Leia mais >](#)

**Plataforma Lattes**  
**CNPq**  
mantenha seu Currículo Lattes Atualizado!  
[Leia mais >](#)

Site da PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, acessado em 10/02/2010.

(Fonte: <http://www.lettras.ufrj.br/peul/>)

## A COMUNIDADE DE FALA BRASILEIRA

Você se lembra do conceito de comunidade de fala adotado pela Sociolinguística Variacionista, que vimos na aula anterior? É um conjunto formado por falantes que antes de compartilharem traços linguísticos semelhantes, compartilham atitudes e valores, normas sociais. Assim, no cenário socioeconômico e cultural brasileiro, fica difícil pensar em uma “comunidade de fala brasileira”, envolvendo toda a dimensão nacional. Pense-se por exemplo, nos valores compartilhados entre uma comunidade rural do interior de Sergipe e uma comunidade urbana, em São Paulo, capital; não só os traços linguísticos são distintos, mas os valores compartilhados em cada comunidade também o são. Além disso, os estudos variacionistas precisam verificar a dinâmica da variação e mudança, ou seja, como um processo se comporta dentro da comunidade. Para isso, é preciso que os falantes que compõem a unidade de análise “comunidade de fala” tenham interação entre si em uma taxa significativa. Isto se torna claramente impossível se definirmos uma comunidade de fala única composta por 192 milhões de falantes!

Ainda assim, precisamos analisar a variação na comunidade de fala brasileira... Mas como? Para viabilizar metodologicamente a análise, os estudos sociolinguísticos no Brasil têm sido realizados em projetos que delimitam comunidades de fala menores. Estes projetos tentam, na medida do possível, seguir a mesma metodologia no que diz respeito à coleta de dados (usando o recurso da entrevista sociolinguística, que veremos na aula 6) e à forma de estratificação social. Isto faz com que os estudos realizados possam posteriormente ser cotejados, a fim de promover estudos contrastivos entre as variedades do português. A comparação entre resultados obtidos para fenômenos variáveis é um método analítico que permite grandes avanços teóricos para a pesquisa linguística, uma vez que transcender os limites de uma única variedade linguística possibilita o estabelecimento, refinamento e fortalecimento de generalizações e princípios de variação e mudança universais.

Vamos, nas seções a seguir, conhecer alguns dos principais projetos que adotam a metodologia da Sociolinguística Variacionista para a descrição do português falado no Brasil.

## PROJETOS E BANCOS DE DADOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O projeto PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), conhecido originalmente como Projeto Censo da Variação Linguística do Estado do Rio de Janeiro, visa o estudo do português falado no Rio de Janeiro. Foi o projeto pioneiro a adotar a metodologia da Sociolinguística Variacionista no Brasil.

O banco de dados do PEUL é composto por dois corpora: a amostra Censo 80, coletada na década de 1980, e a amostra Censo 00, coletada na década de 2000, ambos com 48 horas de gravação de falantes adultos, divididos por três faixas etárias (15-25 anos, 26-49 anos e mais de 50 anos) e uma amostra de crianças na faixa de 7 a 14 anos. O PEUL, além de controlar as variáveis sociolinguísticas clássicas – sexo, idade e escolaridade –, controla variáveis sociais não convencionais, tais como a relação dos informantes com produtos culturais (como mídia televisiva e escrita, cinema, teatro e outros), a sua posse de bens materiais disponíveis no mundo moderno (apartamentos, carros, telefones, viagens, etc.) e as suas expectativas em relação ao futuro. Esse procedimento é uma tentativa de mapear variação linguística na sociedade brasileira, na qual apenas a categorização por classe social segundo parâmetros como renda, local de moradia, escolarização e profissão não é claramente delimitada. Conjugadas às variáveis sociolinguísticas convencionais, essas variáveis mais refinadas permitem detectar tendências divergentes no interior da mesma comunidade de fala. (PAIVA, SCHERRE, 1999, p. 219)

**Conheça o PEUL no site <<http://www.lettras.ufrj.br/peul/index.html>>. No link “banco de dados”, você poderá acessar as amostras gravadas e transcritas, e perceber como fala o carioca.**

Muitos trabalhos foram realizados com a Amostra Censo; como bem dizem Conceição Paiva e Marta Scherre, “foi possível contatar que, a depender da conjugação de fatores linguísticos e extralinguísticos, *os carioca*, em dias de sol, *curte ir na praia e, depois, adora toma umas cervejinha, assistino o jogo de futebol.*” (PAIVA; SCHERRE, 2005, p. 205). O PEUL serviu de modelo a outros projetos de descrição do português brasileiro, como o VARSUL e o VALPB.

O projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil) tem por objetivos o armazenamento e a disponibilização de amostras de fala de habitantes característicos de áreas urbanas representativas de cada um dos três estados da região sul do Brasil. A amostra foi coletada na década de 1990 e compreende as cidades de Porto Alegre, Flores da Cunha (colonização italiana), Panambi (colonização alemã) e São Borja (região de fronteira), no Rio Grande do Sul; Florianópolis, Lages (colonização sulista), Blumenau (colonização alemã) e Chapecó (colonização italiana), em Santa Catarina; e Curitiba, Irati (colonização eslava), Londrina (cidade mais importante da região norte do estado) e Pato Branco (cidade mais importante da região sudoeste do estado), no Paraná. Cada cidade é representada por um conjunto de 24 entrevistas, correspondentes a 12 perfis sociais (sexo masculino e feminino, três níveis de escolarização e duas faixas etárias) de duas entrevistas. Florianópolis é a única cidade do banco de dados que tem uma faixa etária a mais, totalizando 36 entrevistas correspondentes a 18

perfis sociais. Os entrevistados estão estratificados em três níveis de escolarização: de 4 a 5 anos; 8 a 9 anos; e 10 a 11 anos. Quanto às faixas etárias, as entrevistas subdividem-se em: faixa A (25 a 49 anos, preferencialmente 25 a 45 anos); faixa B (mais de 50 anos, preferencialmente 55 a 75 anos); e somente em Florianópolis, jovens (15 a 24 anos, preferencialmente 15 a 20 anos). (KNIES; COSTA, 1996)

**Você pode ver mais detalhes do projeto VARSUL, inclusive acessar as produções decorrentes da descrição do banco de dados, no site <<http://www.pucrs.br/fale/pos/varsul/index.php>>**

O projeto VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba) iniciou-se na década de 1990 e propõe-se a descrever e analisar a fala de João Pessoa, na Paraíba. É composto por entrevistas sociolinguísticas de 60 indivíduos, estratificados em sexo, faixa etária e escolaridade. A estratificação segue o modelo do projeto VARSUL, com a diferença de incluir uma faixa a mais de escolarização, a dos analfabetos (HORA; PEDROSA, 2001).

Em Sergipe, o Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS vem constituindo um corpus nos moldes da Sociolinguística Variacionista: com duas amostras Fala&Escrita e Entrevistas Sociolinguísticas, a fim de subsidiar as pesquisas variacionistas.

Criado em 2007, o Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS) busca instituir e consolidar a prática de pesquisa linguística no Agreste Central Sergipano, região onde está instalado o Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe. As ações do grupo estão voltadas para: (i) a investigação dos fenômenos da linguagem; (ii) a formação de recursos humanos; e (iii) a constituição de banco de dados linguísticos. As linhas de pesquisa vinculadas ao grupo são: (i) Análise do Discurso; (ii) Estudos da Oralidade: Fala, Escrita e Ensino de Língua Materna; (iii) Pragmática dos Atos de Fala; e (iv) Variação e Mudança/Gramaticalização. Resultados das investigações desenvolvidas têm sido apresentados em eventos científicos da área e publicados em periódicos e coletâneas.

Conheça a equipe e a produção em:

<<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0070801PW6IRY8>>



Assim, com cada projeto constituindo seu banco de dados em uma dada comunidade de fala, o mapeamento das variedades do português no Brasil vai se efetivando. É um trabalho de formiguinha, em que todos contribuem. A padronização dos procedimentos metodológicos permite posteriormente a realização de estudos contrastivos entre as variedades, para, então, possibilitar a descrição da regra variável do português brasileiro.

### ALGUNS TRAÇOS VARIÁVEIS

Como dissemos antes, descrever a totalidade dos fenômenos variáveis da comunidade de fala brasileira é uma empreitada árdua, ainda incipiente (lembramos que a Sociolinguística é uma ciência recente, ainda está em seus primeiros passos). Ainda assim, temos alguns resultados, que podem contribuir para uma visão panorâmica da variabilidade do português falado no Brasil. Vejamos.

### VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA

Como vimos na aula 3, a variação fonético-fonológica é a mais saliente, mais perceptível, e por isso, a mais marcada. Você se lembra, das aulas de Fonologia da Língua Portuguesa, das alofonias? As alofonias podem ser classificadas como posicionais (ocorrem em ambiente fônico específico) ou livres (ocorrem em qualquer ambiente). A “liberdade” da alofonia só se dá em termos fônicos, pois socialmente a alofonia não é livre: sabemos, por exemplo, que uma realização retroflexa do /R/ ocorre em determinada região do país (interior de São Paulo). Em suma, diferentes estudos sobre a variação fonético-fonológica no português do Brasil já foram realizados, e não vamos nos adentrar na descrição pormenorizada de cada um deles. Para uma visão panorâmica, recomendamos a leitura da obra organizada por Leda Bisol e Claudia Brescancini, *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*, dedicada ao tratamento da variação nos sistemas vocálico e consonantal, e na sílaba: síncope da postônica não-final de proparoxítonas; vogais médias postônicas; harmonização vocálica; redução dos ditongos nasais átonos; epêntese; degeminação e elisão; realização do R de final de sílaba; transformação do /l/ de lateral alveolar para velar e semivogal posterior /w/.

Recomendamos ainda a leitura de:

- A neutralização das átonas (BISOL, 2003)
- A representação lexical das fricativas palato-alveolares: uma proposta (BRESCANCINI, 2003)
- Epêntese vocálica no português do sul do Brasil: variáveis extralinguísticas (COLLISCHONN, 2003)

## VARIAÇÃO NO QUADRO DOS PRONOMES

Vamos, agora, entrar em um campo altamente fértil para os estudos de variação linguística no nível morfosintático do português brasileiro: os pronomes. Se você consultar uma gramática normativa, encontrará o seguinte quadro de pronomes pessoais:

Quadro 2: Paradigma dos pronomes pessoais do português

1ª pessoa singular	Eu
2ª pessoa singular	Tu
3ª pessoa singular	Ele/Ela
1ª pessoa plural	Nós
2ª pessoa plural	Vocês
3ª pessoa plural	Eles/Elas

Em algumas gramáticas, você encontrará uma nota explicando que, em situações coloquiais, a forma a gente é utilizada como pronome de 1ª pessoa do plural. As gramáticas normativas, como vimos na primeira aula, se espelham em um estado de língua cristalizado, e nem sempre acompanham o dinamismo das línguas. No caso dos pronomes pessoais, em qualquer parte do Brasil, encontramos uma grande produtividade da forma a gente em relação à forma nós para se referir a 1ª pessoa do plural. Omena (1996, p. 313), ao analisar a fala do Rio de Janeiro, com dados do PEUL, encontrou a seguinte distribuição dos usos de a gente, em função das faixas etárias dos informantes.

Tabela 3: Variação na referência à 1ª pessoa do plural na fala do PEUL em função da faixa etária

Ocorrências de a gente/total		Percentual
7 a 14 anos	576/628	91%
15 a 25 anos	751/842	89%
26 a 49 anos	744/987	75%
51 a 71 anos	568/843	67%

Fonte: OMENA, 1996, p. 313

A tabela deve ser lida da seguinte maneira: na faixa etária de 7 a 14 anos, foram encontradas 628 ocorrências de referência à 1ª pessoa do plural; destas, 576 eram da forma a gente (e, portanto, 52 eram da forma nós:  $52 + 576 = 628$ ), o que corresponde a 91% dos casos. É muita frequência para ser ignorada pelas gramáticas...

**Na aula 7, veremos com mais detalhes como são calculados os valores da sociolinguística variacionista**

E quem usa a forma vós hoje? Provavelmente só na igreja, em sermões e em trechos bíblicos, os líderes religiosos fazem isso... Ainda assim, lá está ela, no quadro dos pronomes pessoais, como a forma de referir a 2ª pessoa do plural... Pior ainda é que muitos professores insistem em ensinar esta forma na escola!

A variação nas formas de referência à 1ª pessoa do plural e também à 2ª pessoa do singular e do plural é decorrente de uma série de mudanças encaixadas que ocorreram desde o português arcaico. Menon (1995, p.93-97) resume algumas das mudanças ocorridas no sistema pronominal do português, especificamente no que se refere à 2ª pessoa.

A primeira grande mudança se deu na representação da 2ª pessoa, ainda no português medieval. O pronome vós era a forma utilizada tanto quando havia mais de um (a segunda pessoa do plural efetivamente) ou um único interlocutor. Neste caso, vós era uma forma de tratamento respeitoso. O pronome tu era utilizado em situações de igualdade entre interlocutores, ou de superior a inferior. Novas formas mais respeitosas para tratar o rei foram introduzidas: Vossa Mercê, Vossa Senhoria, Vossa Alteza, Vossa Excelência, Vossa Majestade. Destas, a mais antiga é Vossa Mercê. Modificações na sociedade portuguesa fizeram com que as formas respeitosas passassem a ser utilizadas como formas de tratamento entre iguais e não íntimos, perdendo seu valor honorífico e por fim sendo utilizadas por qualquer um, nobre ou não.

Paralelamente às mudanças no uso se deram mudanças de ordem fonética: a forma original, Vossa Mercê, deu origem ao pronome você, uma forma pronominal de se dirigir ao interlocutor, primeiramente de tratamento não íntimo, depois de tratamento íntimo. As formas you/yous passaram a concorrer com tu/vós. A forma yous suplantou a forma vós e as formas tu e you, em algumas regiões do Brasil, como em Florianópolis, coocorrem e concorrem.

Ainda conforme aponta Menon (1995), as formas you/yous têm origem em uma locução nominal, constituídas por um pronome possessivo + substantivo, requerendo o verbo na terceira pessoa, que se gramaticalizou em pronome de 2ª pessoa (o interlocutor).

Outra alteração no sistema pronominal do português se deu com a entrada de a gente como forma de 1ª pessoa do plural. A locução a gente (artigo + nome) inicialmente entra como uma estratégia de indeterminação do sujeito e posteriormente se gramaticaliza como pronome de 1ª pessoa do plural, concorrendo com a forma nós, em todas as regiões do Brasil. Note-se que a gente, originalmente uma locução, também requer o verbo na terceira pessoa. A forma a gente também é utilizada para referir à 1ª pessoa do singular, como estratégia de polidez e de modéstia. Assim, o quadro dos pronomes pessoais de caso reto (pronomes-sujeito) inicialmente proposto se altera:

Quadro 3: Paradigma dos pronomes pessoais com a entrada de você/ vocês e a gente.

1a pessoa singular	eu/a gente
2a pessoa singular	tu/você
3a pessoa singular	ele/ela
1a pessoa plural	nós/a gente
2a pessoa plural	vós/vocês
3a pessoa plural	eles/elas

A leitura do texto de Lopes e Duarte (2003) é muito esclarecedora, pois mostra a entrada de você no português.

### CONCLUSÃO

Vimos, nesta aula, que o cenário sociolinguístico brasileiro é complexo: para estudar a variação em uma comunidade de fala tão ampla e diversificada como o é a brasileira, faz-se necessário que se mapeiem universos menores, subdividindo a comunidade de fala brasileira em comunidades de fala menores. É assim que surgem os projetos de descrição do português, como o PEUL, o VARSUL, o VALPB e o GELINS, aqui em Sergipe.

### RESUMO

Nesta aula, refletimos sobre o estudo da variação no português brasileiro, a partir da discussão sobre a metodologia dos projetos de investigação e analisando alguns resultados. Atentamos para o cenário brasileiro, refletindo, inicialmente, sobre como observar a variação em uma comunidade de fala tão ampla e diversificada como é a brasileira. Retomamos o conceito de comunidade de fala, para então entendermos a variação no português do Brasil. Vimos que é quase impossível fazer uma análise da variação do português no Brasil, pois temos cerca de 192 milhões de falantes, sendo assim é necessário que se delimite comunidades de fala menores. Também vimos alguns projetos e bancos de dados do português brasileiro, como: PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua); o projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil); e o projeto VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba). Em Sergipe, o GELINS (Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade) vem constituindo um corpus nos moldes da Sociolinguística Variacionista, com duas amostras: Fala&Escrita e Entrevistas Sociolinguísticas, a fim de subsidiar as pesquisas variacionistas. Foram elencados alguns resultados, que podem contribuir para uma visão panorâmica da variabilidade falado no Brasil, como: i)



variação fonético-fonológica (ex: realização retroflexa do /R/ - interior de São Paulo); e ii) variação no quadro dos pronomes (ex: nós/a gente). Em suma, pudemos perceber que o cenário sociolinguístico brasileiro é complexo; portanto, para estudarmos a variação em uma comunidade tão ampla como a nossa é necessário mapear universos menores, e é assim que surgem os projetos de descrição do português, como os vistos nesta aula.



### ATIVIDADES

1. Faça as leituras sobre variação fonológica indicadas na seção 3.1. Como você percebe a realização destes fenômenos na fala de sua comunidade?
2. Qual a forma mais produtiva de referência à 2ª pessoa na fala de sua comunidade: tu ou você? Existem contextos específicos de uso de uma forma ou de outra?

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Ainda que o Estado de Sergipe seja pequeno, e que as comunidades de fala sejam relativamente próximas, podemos encontrar diversidade linguística! Por exemplo, no caso de uso de tu e você, você perceberá que existe diversidade no uso. Ainda não há investigações empíricas formalizadas; fica o convite à pesquisa.

### PRÓXIMA AULA



Dando continuidade à disciplina, vamos, na próxima aula, Pesquisa variacionista: princípios de investigação conhecer os procedimentos empíricos para o estudo da variação linguística.

### AUTOAVALIAÇÃO



Após esta aula, sou capaz de entender as dificuldades de analisar a variação linguística na comunidade de fala brasileira, e, ao mesmo tempo, reconhecer que posso colaborar para o estudo da variação na minha comunidade de fala?

## REFERÊNCIAS

- BISOL, Leda. A neutralização das átonas. **Revista Letras**, Curitiba, n. 61, especial, p. 273-283, 2003.
- BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. A representação lexical das fricativas palato-alveolares: uma proposta. **Revista Letras**, Curitiba, n. 61, especial, p. 299-310, 2003.
- COLLISCHONN, Gisela. Epêntese vocálica no português do sul do Brasil: variáveis extralinguísticas. **Revista Letras**, Curitiba, n. 61, especial, p. 285-297, 2003.
- COSTA, Iara Benquerer; KNIES, Clarice Bohn. **Manual do usuário Banco de Dados Linguísticos**. VARSUL, 1995.
- HORA, Dermeval; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. **Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba**. João Pessoa: Ideia, 2001. Vol. 1-5
- LOPES, Célia Regina dos Santos; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; MOTA Maria Antônia. (Org.). **Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos**. I ed. Rio de Janeiro, v. I, p. 61-76. 2003.
- MENON, Odete Pereira. O sistema pronominal do português do Brasil. **Revista Letras**, n. 44, p. 91-106, 1995.
- OMENA, Nelize Pires de. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira; SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). **Padrões Sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 311-323.
- PAIVA, Maria da Conceição de. SCHERRE, Maria Marta Pereira. Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL. **Delta**, v. 15 n. especial, p. 201-232, 1999.